

ANÁLISE
INTRA-SÍTIO
DO SÍTIO
JUSTINO, BAIXO
SÃO FRANCISCO
– AS FASES
OCUPACIONAIS

Marcelo Fagundes
Coordenador do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br / fagundes_fgs@yahoo.com.br

ABSTRACT

This paper is part of the thesis named “Settlement Systems and Lithic Technology: technological organization and variability in archaeological record in Xingó Area, São Francisco low valley, Brazil, that aimed to present the final results of a long-term study after systematic research in field, laboratory and in office that interconnected unify data which gives an assertive understanding of the life and cultural dynamic of prehistoric societies who occupied the Archaeological Zone of Xingó during eight thousand years. This paper aims to comprehend how the prehistoric groups established their regional settlement system on the fluvial benches. I used as a guide hypothesis the fact that all contemporaneous sites were connected among them in a situational complex of sites. So, I used the intrasite analyze basing my data in Justino archaeological site, my gravitational model, to elucidate the regional settlement system. I used multiples concepts and approaches that worked together to understand the landscape while a social construction immersed in social means and values which have been understood as a loci of continuous occupation or persistent places

KEY WORDS Intrasite analyses, Settlement Systems, Xingó

RESUMO

O presente artigo é fruto da tese de doutoramento intitulada Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil, a qual teve como objetivo apresentar os resultados alcançados por meio de pesquisas sistemáticas de campo, laboratório e gabinete, que, interligadas, coligiram dados responsáveis por uma compreensão mais assertiva sobre o modo de vida e dinâmica cultural dos grupos pré-históricos que ocuparam a Área Arqueológica de Xingó durante quase oito milênios. Esse artigo, por sua vez, tem como objeto a compreensão de como as populações pré-históricas que ocuparam a região estabeleceram seu sistema regional de assentamento em terraço, tendo como hipótese norteadora que todos os sítios contemporâneos estariam conectados entre si no chamado complexo situacional de sítios. Para tanto foi utilizada a análise intra-sítio tendo como modelo gravitacional o sítio Justino, de forma a elucidar o sistema de assentamento regional. Em relação ao referencial teórico, foram utilizados múltiplos conceitos e abordagens que convergiram para a compreensão da paisagem enquanto construção social que, dotada de valores e significados, pode ser compreendida como o loci de ocupação continuada, ou lugares persistentes.

PALAVRAS-CHAVE Análise intra-sítio, Sistema de Assentamento, Xingó

INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado tem como objetivo apresentar os resultados da análise intra-sítio do sítio Justino (Fagundes, 2007), o que denominamos de Fases de Ocupação, de modo que pudéssemos compreender a variabilidade tecnológica observada na análise dos conjuntos líticos que foram evidenciados durante as campanhas de escavação do referido assentamento (Fagundes, 2010a; 2010b).

O sítio Justino foi o assentamento com maior intervenção na Área Arqueológica de Xingó, já que o terraço onde estava localizado foi completamente escavado em relação ao espaço/profundidade, atingindo o embasamento rochoso, utilizando o método etnográfico de superfícies amplas (Leroi-Gourhan, 1950, 1972). Tal procedimento efetivou-se após a evidênciação de uma série de esqueletos humanos geralmente associados a um rico enxoval funerário que, no final da escavação, totalizou 167 sepultamentos com presença de 185 esqueletos (Vergne, 2004).

Este sítio localiza-se na fazenda Cabeça de Nego, município de Canindé de São Francisco, na margem direita do São Francisco, na confluência de um riacho, com coordenadas UTM 8.938.881/ 627.561. Sua área total é de aproximadamente 1.500 m², com altitude média de 37 metros em relação ao nível do mar, sendo escavada uma área total de 1.265 m² (23 x 55 m).

Conforme Dominguez & Britcha (1997), a formação geológica deste terraço estava associada à descida de sedimentos dos altiplanos semi-áridos, sobretudo através do riacho Curituba, formando deposições sedimentares de características deltaicas, com ocorrência de camadas aluvionares que apresentavam espessuras variáveis, constituídas por areia fina ou grossa, seixos, siltes e argilas. Além disso, deve-se citar o papel das cheias do São Francisco para a deposição de sedimentos neste terraço.

A vegetação circundante era a caatinga hiperxerófitas, constituída por cantigueiras (*Caesalpinia bracteosa*), juazeiros (*Ziziphus joazeiro*), pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), entre outras. Além disso, o terraço foi utilizado para plantações de subsistência de feijão (*Vigna unguiculata*) e milho (*Zea mays*). Sendo assim, devido à intervenção antrópica em função das atividades agrícolas, foram evidenciados na superfície deste sítio muitos fragmentos cerâmicos. Além disso, as bordas do terraço, por questões de ordem natural, encontravam-se bastante erodidas em toda sua extensão, fator responsável pela perda de valiosas informações arqueológicas (Vergne, 2004).

REFERENCIAL TEÓRICO

O interesse de compreendermos a relação entre os diversos sítios contemporâneos distribuídos em uma paisagem centra-se na assertiva de que estes mantêm relações intrínsecas entre si, cada um ocupando um papel no sistema produtivo/ de subsistência, na mobilidade e na própria organização social e cultural dos grupos pré-históricos.

Neste caso, esses sítios não podem ser compreendidos separadamente “(...) como entidades estáticas e isoladas” (Dias, 2003: 40), já que cada um assume uma função fundamental dentro das estratégias/ escolhas do grupo.

Cada sítio compreende, assim, uma célula dentro de um sistema sócio-cultural abrangente e de fundamental importância, mas que por si só não é capaz de esgotar a compreensão da organização tecnológica¹, da mobilidade, das estratégias, captação de recursos, enfim da dinâmica cultural na pré-história.

Além do mais, partindo do princípio de totalidade em Mauss (1974), a unidade se dá pela complementaridade entre as partes constitutivas de um domínio cultural (abrangen-

do tanto o contexto social como natural), que, sob nosso ponto de vista, na Arqueologia se visualiza pela identificação e correlação dos geoindicadores² (Morais, 2006).

Logo, esse reconhecimento das características regionais, que nos serviram de modelo locacional de caráter preditivo, acaba por permitir à constituição dos lugares persistentes³, inclusive como meio de estabelecer padrões à compreensão dos sistemas regionais de assentamento.

Com base nesses pressupostos só poderemos realizar inferências sobre o sistema regional de assentamento quando estabelecemos correlações e conexões entre os diversos sítios e lugares persistentes de uma área (Schlanger, 1992), relacionando-os impreterivelmente à paisagem, utilizando exemplos advindos da etnologia, da organização tecnológica, das estruturas evidenciadas, das possíveis escolhas, por meio do uso intensivo das geotecnologias, ou seja, por meio de inferências e dados estatístico-comparativos que mapeiem as possibilidades (e restrições) para as hipóteses levantadas (Fagundes, 2009; Fagundes & Mucida, 2010).

Portanto, a dinâmica cultural resultante dos processos de continuidade e mudança deve ser ‘garimpada’ em meio aos remanescentes culturais nas escavações compreendendo a estrutura de cada sítio, visto que a Arqueologia aqui é definida como a disciplina responsável em obter conhecimento (ou conhecimentos) válido sobre o passado. Isto é, buscar no estático representado pelo registro arqueológico o dinamismo dos processos e das conexões culturais, de modo a encontrar no contexto arqueológico o con-

texto sistêmico (Schiffer, 1972, 1983, 1987).

Nesse artigo ao privilegiarmos as análises intra-sítios – os diferentes tipos de uso de um dado assentamento em longa duração –, estávamos preocupados (no caso específico do sítio Justino), com a distribuição espacial e relacional, além da densidade e diversidade dos remanescentes culturais bem como suas sequências operacionais de produção (Fagundes, 2010a, 2010b, 2010c), de modo que pudéssemos inferir seus “papéis” dentro da organização social do grupo (ou grupos) em estudo.

Ou seja, o que pretendemos frisar é que os estudos sistemáticos intra-sítio da distribuição e associação artefactual em termos espaço-temporais têm sido considerados inerentes à pesquisa arqueológica que pretende compreender a dinâmica cultural nas ocupações pré-históricas, tendo em vista a integração dos processos naturais e culturais de formação dos sítios arqueológicos (Panja, 2003).

Aliás, para Bamforth et al (2005: 577) a primeira questão que se deve ter em mente antes de empreendermos a pesquisa arqueológica é estabelecer critérios de compreensão de como forças naturais e antrópicas interagiram para ‘criar’ um sítio arqueológico.

Os trabalhos de André Leroi-Gourhan durante as décadas de 1950 e 1960 sobre a estrutura de sítios a céu aberto do paleolítico europeu, sobretudo Pincevent, podem ser apontados como precursores de análises que pretendem reconstruir (e interpretar) integralmente os solos de ocupação pré-históricos, coligindo técnicas, métodos e reflexões teóricas acerca da reconstrução dos

1 Kelly define organização tecnológica como: “(...) the spatial and temporal juxtaposition of the manufacture of different tools within a cultural system, their use, reuse and discard, and their relation not only to tool function and raw material type, but also to behavioral variables which mediate the spatial and temporal relations among activity, manufacture, and raw material loci” (Kelly, 1988: 717).

2 “Elementos do meio físico-biótico dotados de alguma expressão locacional para os sistemas regionais de povoamento, indicando locais de assentamentos antigos (...). Assim, os geoindicadores arqueológicos sustentam um eficiente modelo locacional de caráter preditivo, muito útil no reconhecimento e levantamento arqueológico” (MORAIS, 2006).

3 “(...) places that were repeatedly used during long-term occupations of regions. They are neither strictly sites (that is, concentrations of cultural materials) nor simply features of a landscape. Instead, they represent the conjunction of particular human behaviors on a particular landscape” (Schlanger, 1992: 97).

solos paleoetnográficos. Suas pesquisas, deste modo, foram de fundamental importância para a compreensão das estruturas in loco, que seria sob o nosso olhar o passo inicial para a elaboração de inferências à busca da compreensão do modo de vida e dinâmica cultural de grupos pré-históricos (Leroi-Gourhan, 1950, 1972).

Em suas reflexões Bamforth et al (2005), também destacam que as análises intra-sítio têm focado a distribuição dos artefatos no solo arqueológico, utilizando diversas técnicas para tal intento, de forma a evidenciar o modo que o sítio arqueológico foi utilizado em longa duração, isto é:

- Compreensão das estruturas internas dos sítios e suas distribuições espaço-temporais;
- Demarcação meticulosa dos remanescentes culturais, de acordo com os locais exatos em que foram evidenciados durante as escavações, assim como suas associações, possibilitando a construção de mapas tridimensionais para posterior comparação entre os diferentes períodos de ocupação dos sítios arqueológicos;
- Estratificação e análises estatísticas da diversidade e frequência vertical (e horizontal) dos remanescentes culturais;
- Evidenciação de características que apontem para ocupação, abandono e reocupação dos assentamentos;
- Distribuição das estruturas de combustão e materiais associados, sobretudo em ocupações de caçadores coletores;
- Inspeções visuais de mapas de distribuição de vestígios (fato que exige o uso de ferramentas apropriadas advindas da ciência da informática).

Os autores destacam que em toda análise arqueológica escolhas são realizadas principalmente em relação aos métodos analíticos utilizados pela pesquisa, incluindo

do as questões que serão abordadas, o tipo de material que terá maior enfoque, além do nível de detalhes espaciais disponíveis nos dados a serem examinados. De forma geral, as pesquisas se direcionam para as respostas que são esperadas pelo arqueólogo (Bamforth et al, 2005).

Já para Munday as análises intra-sítios são extremamente relevantes na medida em que cooperam para a elaboração de hipóteses e interpretações que podem ser conclusivas à compreensão inter sítios, sendo, portanto, “(...) uma ferramenta para testar suposições implícitas que direcionam muitas comparações contemporâneas tanto inter sítio quanto inter níveis” (Munday, 1984: 32).

Trabalhando com sítios musterienses, a autora enfatiza a importância da análise intra-sítios para uma compreensão efetiva das dimensões temporais e espaciais de um assentamento como facilitador de uma análise regional, ou seja, de um sistema de assentamento.

Por outro lado, nos pressupostos de Ferring (1984), as atividades que são vistas como o principal aporte para as análises espaciais, sendo definidas como tarefas que, após sofrerem as ações do processo deposicional, acabam por se transformarem em remanescentes culturais alvos das intervenções e diagnósticos arqueológicos. Portanto, o foco central de uma análise intra-sítio é a identificação das áreas de atividades em um sítio passando para a estruturação dos grupos e subgrupos que constituem os remanescentes destas. Na sua letra:

A principal função das análises intra-sítio é permitir uma visão explícita de como as atividades foram conduzidas em um sítio. As atividades podem ter sido estruturadas pela composição sócio-econômica/ étnica de uma unidade de assentamento; pelas relações de procura/ tarefas

de processamento que constituem o sistema de subsistência; a periodicidade/ intensidade da ocupação, etc. (Ferring, 1984:117).

Entretanto, acreditamos que para que haja um real entendimento do passado é fundamental estabelecermos o caráter sistêmico às pesquisas arqueológicas, ou como salientado por Panja (2003: 107), por meio de modelos diacrônicos empreendermos uma visão holística da natureza, contexto e processos formativos do registro arqueológico.

Para tanto, deve-se fazer uso de ferramentas teórico-metodológicas que cooperem para compreensão do contexto regional sob a égide de abordagens paleoambientais, organização tecnológica, organização cultural-produtiva e, numa amplitude maior, a interpretação inter sítios ou do sistema de assentamento⁴.

Além do mais, alguns autores apontam que a mudança de um modo de vida nômade para um mais sedentário pode estar vinculada a um número infinito de causas, modificadas de região para região, de grupo para grupo, visto que isso envolve novas relações sociais (e de poder) intra-grupo, novas estratégias de mobilidade e apropriação de recursos, e mesmo uma maneira de perceber a paisagem que interfere no padrão de assentamento, nos rearranjos espaciais, em investimentos nas estruturas intra-sítio, etc⁵.

Não há um consenso na literatura sobre os motivos reais para a sedentarização, os quais são comumente vinculados aos seguintes itens:

- Crescimento populacional e pressão demográfica;
- Indícios de complexidade social;

- Maior desenvolvimento tecnológico ou da arte;
- Ou mesmo questões sócio-ambientais que interferem nos processos culturais do grupo (restrições, por exemplo).

A sedentarização, todavia, é responsável por acarretar no aumento do número da diversidade de sítios componentes de um sistema regional de assentamento em função das especificidades inerentes às necessidades do novo sistema de subsistência/produtivo no tocante às estratégias de obtenção de recursos (exploração, produção e apropriação). Com isso surgem novos sítios mais especializados para determinada atividade social (Hitchcock, 1987; Kelly, 1992).

Mediante este aparato teórico devemos ter em mente uma série de condições que afetam a estrutura de um sítio em relação à densidade e frequência artefactual, variabilidade espaço-temporal da distribuição de vestígios e associações, e na própria tecnologia; que, de certo modo, permitem inferências acerca da emergência da complexidade social, padrões de mobilidade e sedentarização para compreensão do sistema regional de assentamento, a saber:

- Os processos naturais de formação de um sítio arqueológico;
- Que a “função” de um sítio, associada ao tempo de permanência do grupo no assentamento, também são variáveis que alteram a estrutura e a formação do sítio arqueológico;
- Padrão de utilização e reutilização dos sítios arqueológicos;
- Que não há necessariamente uma associação entre o contexto de uso de um artefato e

⁴ Discussões sob esses assuntos em Xingó são encontradas em Fagundes (2007:429-499).

⁵ Segundo análises de Vergne (2004), o sítio Justino é marcado pela permanência cultural, sendo que as mudanças observadas nas cadeias operatórias ou nas estruturas internas do assentamento são vistas como um “rearranjo” na organização interna do grupo, em um processo de maior sedentarização nos terraços.

o seu contexto de descarte (noção de refugio primário, secundário e refugio de facto. Schiffer, 1972);

- Flutuações climáticas e sazonalidade de recursos (ou abundância de recursos obtíveis na paisagem);
- Crescimento populacional e pressão demográfica;
- Diferenças organizacionais nas estratégias de mobilidade (residencial e logística);
- Manejo de informações e manutenção de território (disputas e competições intra e inter grupos);
- Questões acerca da integração social, relações familiares/ parentesco, relações de poder, gênero e prestígios, assim como diferenciação social;
- A organização e os tipos de atividade que são levadas a cabo em um sítio, sejam bases residenciais ou locações de atividades específicas, estando vinculados aos preceitos culturais do grupo, além disso, dependendo do tipo de matéria-prima a ser manufaturada, longevidade da atividade, aspectos simbólicos associados ao trabalho, podem alterar significativamente a cadeia operatória e o processo de descarte;
- Cada grupo apresenta padrões próprios de manutenção dos sítios e atividades de descarte, isto é, noções de higiene que alteram a formação do registro arqueológico;
- Cada grupo tem percepções particulares sobre as atividades que desempenha, assim como noções próprias de como os objetos são usados e quando e porque devem ser descartados.

AS FASES DE OCUPAÇÃO

Com base no referencial descrito, nossas análises levaram a compreensão de cinco fases distintas de ocupação do sítio, obtidas por meio da distribuição espaço-

-temporal dos remanescentes culturais e aliadas às associações e estruturas no solo ocupacional do referido sítio arqueológico. Além disso, pudemos perceber que a análise dos processos formativos vai de encontro com as conjecturas de Dominguez & Britcha (1997, p. 06), com concentração destes remanescentes em faixas entre 40 e 70/80 cm de espessura.

Logo, tendo como suporte os trabalhos realizados em Xingó sobre paleoambiente, sobretudo de Ab'Saber (2002) e Dominguez & Britcha (1997); acerca da ritualidade (Vergne, 2004); da bioantropologia (Carvalho, 2006), da análise da cultura material cerâmica (Luna, 2001), dos resultados laboratoriais das cadeias operatórias líticas (Fagundes, 2010a, 2010b, 2010c; Mello, 2005; Silva, 2005); formação e uso de sítios arqueológicos (Schiffer, 1983, 1987), entre outros; traçamos um modelo sobre a ocupação espaço-temporal (análise intra-sítio) do sítio Justino e, a partir daí, inferimos sobre a variabilidade espacial e relacional (análise inter sítios), para compreensão dos sítios em terraço do sistema regional de assentamento (Fagundes, 2007).

Logo, os episódios ocupacionais do sítio Justino foram pensados (e guiados) não exclusivamente pelas decapagens⁶ realizadas em campo, mas pela somatória de resultados das pesquisas científicas realizadas em Xingó, sobretudo após a sistematização dos dados pela equipe de geoprocessamento do MAX/UFS.

Entre as Fases 01 a 03 do Justino, sobretudo em torno das decapagens 59 até 25 – a análise dos remanescentes culturais permitiu a inferência de que neste terraço ocorreram flutuações em termos ocupacionais, sendo que na Fase 02 (decapagens 42 a 35),

6 O uso desse termo, para se referir às técnicas de escavação em Xingó, foi instituído por Vergne (2004).

Decapagem	Profundidade (base da estrutura)	Método	Laboratório	Cronologia
03	40 cm	C ¹⁴	Inst. Radiocarbônico da Univ. de Lyon – França	1280±45 AP
06	60 cm	C ¹⁴	Inst. Radiocarbônico da Univ. de Lyon – França	1780±60 AP
08	90 cm	C ¹⁴	Instituto de Geociências da UFBA	2530±70 AP
10	1,10 m	C ¹⁴	Instituto de Geociências da UFBA	2650±150 AP
13	1,40 m	C ¹⁴	Inst. Radiocarbônico da Univ. de Lyon – França	3270±135AP
20	2,10 m	C ¹⁴	Beta Analytic – USA	4790±80 AP
30	3,10 m	C ¹⁴	Beta Analytic – USA	5570±70 AP
40	4,10 m	C ¹⁴	Beta Analytic – USA	8950±70 AP
04	0,50 m	TL	LabDat / UFS	2191±276 AP
08	0,90 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	1800±150 AP
08	0,90 m	AD	LabDat / UFS	2010±430AP
10	1,10 m	AD	LabDat / UFS	2700±620 AP
10	1,10 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	2050±140 AP
13	1,40 m	PD	LabDat / UFS	4310±800 AP
15	1,60 m	TL	LabDat / UFS	3865 ± 398 AP
20	2,10 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	4496±225 AP
20	2,10 m	AD	LabDat / UFS	5500±980 AP

TABELA 01. DATAÇÕES DO SÍTIO JUSTINO. LEGENDA: C¹⁴ (CARBONO 14); TL (TERMOLUMINESCÊNCIA); AD (DOSE ADITIVA); PD (PRÉ-DOSE). FONTES: VERGNE, 2004; MAX, 2006B; SANTOS & MUNTA, 2007

a frequência artefactual demonstrou que a área foi mais procurada que nos demais períodos de ocupação (Fases 01 e 05), não havendo no registro arqueológico, com base na distribuição e frequência artefactual, evidências de abandono por longo período para a Fase 02.

Na Fase 01 observou-se que os solos de ocupação estavam abaixo do nível atual do rio no momento da escavação, ou seja, houve alterações em seu curso e/ ou volume ao longo do tempo. Tal fato pode ser a explicação pela quantidade menor de vestígios e, principalmente, a inexistência em algumas camadas de estruturas de combustão (foram evidenciadas apenas manchas).

A fase seguinte (Fase 02) é um momento de presença de estruturas de combustão com material lítico e restos faunísticos as-

sociados, além de muitas manchas de diferentes colorações, algumas das quais com presença de restos faunísticos, ferramentas líticas e muito pouco carvão. Por meio do carvão extraído da fogueira 25 (decapagem 40) nos forneceu a datação mais antiga da área: 8950 ± 70 A.P. (Tabela 01).

Como veremos, esta fixação próxima ao rio adquiriu características peculiares de forma que podemos indicar o papel base do Justino neste momento, inclusive destacando que é a partir deste período que o sítio passa a ser utilizado como cemitério.

Além disso, como apontado nas análises acerca da ritualidade funerária em Xingó realizada por Vergne (2004), se trata do intervalo onde houve, segundo a autora, a menor distinção social entre os indivíduos, fato que nos permitiu inferir que não houve nenhum tipo de diferen-

ciação social e que a maior “fixação” neste período não esteja vinculada ao crescimento populacional ou questões acerca de prestígio, poder, cooperação ou mesmo competição.

Nossa hipótese diz respeito às flutuações paleoclimáticas que podem ter ocorrido (Ab’Saber, 2002; Cavalcanti, 2005), e que tiveram como consequência uma variabilidade significativa nos padrões econômicos/ produtivos e de subsistência do grupo (grupos), obrigando-o a permanecer mais tempo no canyon e próximo ao rio, local com maiores possibilidades e com menor propensão às flutuações paleoambientais do período, ou seja, com probabilidade menor de ocorrência de sazonalidade de recursos (Ab’Saber, 2002).

A Fase 03 (equivalente ao cemitério C entre as decapagens 34 e 16, em um intervalo de 2,10 m)⁷, foi datada entre 5570 e 3270 AP. Esta foi subdividida em três ocupações distintas: a primeira entre as decapagens 34 e 29 (um intervalo de 0,50 m), a segunda entre a 28 e 22 (um intervalo de 0,60 m) e a terceira entre a 21 e 16 (um intervalo de 0,50 m).

No início são claras as evidências de ocupação e re-ocupação do sítio, que passa por processos contínuos de abandono somados às curtas permanências dos grupos na área, fator verificável pela baixa densidade e diversidade de remanescentes culturais, evidenciando o uso do local enquanto acampamento temporário (entre as decapagens 34 e 24, um intervalo de 1,00 m aproximadamente).

A partir da decapagem 21 (entre 2,15 e 2,20 m de profundidade) há uma maior permanência no terraço, com incidência da explosão dos vestígios cerâmicos da de-

capagem 19 (entre 1,90 e 2,00 m de profundidade) em diante.

A cerâmica surge no registro arqueológico a partir da decapagem 32 (01 fragmento de bojo evidenciado a 3,29 m de profundidade), entretanto só se torna representativa entre as decapagens 21 e 19 (um intervalo entre 2,20 m e 2,00 m de profundidade)⁸, com significativo aumento de elementos a partir da decapagem 17 (137 fragmentos evidenciados a 1,80 m de profundidade).

A Fase 04 é o período de mais intensa ocupação do Justino, visto que se observa maior quantidade e diversidade de remanescentes culturais. Todo o arranjo das estruturas, distribuição espacial, concentrações e associações demonstram que o grupo tenha mudado sua morfologia social, tornando-se, pelo menos hipoteticamente, mais complexo. Em relação à tecnologia lítica, não há mudanças extremas, exceto que o quartzo passa a ser mais utilizado para a confecção de instrumentos expeditos (ou de ocasião). Assim, há uma grande frequência e diversidade dos conjuntos líticos e cerâmicos evidenciados (tanto no solo de ocupação quanto em associação com os sepultamentos constituindo o mobiliário funerário⁹).

A Fase 05, último período de ocupação do sítio entre as decapagens 08 e 01 (um intervalo de 0,70 m), é datada em torno de 1300 A.P. É o momento que apresentou maior diferença tecnológica quando comparado aos demais, com a presença de artefatos líticos mais expeditos e vestígios cerâmicos pouco requintados no tocante à decoração plástica.

De modo geral, uma das características mais interessantes deste sítio diz respeito à diversidade e quantidade de cultura material,

⁷ Lembrando que os sepultamentos ocorrem entre as decapagens 28 e 15.

⁸ Decapagem 21 = 28 fragmentos; decapagem 20 = 41 fragmentos; decapagem 19 = 69 fragmentos.

⁹ Para tecnologia cerâmica vide Luna (2001).

tanto associada aos sepultamentos (enquanto ‘bens funerários’), quanto associada às estruturas com contextos domésticos. A cerâmica, por exemplo, conta com 14743 fragmentos distribuídos a partir da decapagem 32 (3,29 m de profundidade), datada de 5570 ± 70 anos AP (datação para a decapagem 30¹⁰). O material lítico ocorre em todas as decapagens, sendo que o polimento da pedra já é evidenciado na decapagem 40 datada de 8950 anos AP. a 4,10 m de profundidade.

Referente às estruturas de combustão, foram evidenciadas trinta fogueiras, todas com carvão e outros remanescentes associados (cerâmica, lítico, restos faunísticos, etc.), sendo que algumas relacionadas aos sepultamentos. Destas estruturas, um total de oito forneceu as datações absolutas em C14 (Tabelas 01 e 02). Além das fogueiras estruturadas foram evidenciadas 355 manchas escuras, muitas das quais com pequenos fragmentos de carvão associados (além de restos faunísticos e cultura material), indicando que eram antigas estruturas de combustão, e outras que por prováveis ações naturais, permaneceram exclusivamente as manchas no solo. Ainda foram localizadas e demarcadas 11 manchas de tonalidade clara,

22 manchas vermelhas e 10 cinzas.

Feitas as primeiras indicações, cabe descrições pormenorizadas das Fases e possíveis ocupações para o Justino.

SOLOS PALEOETNOGRÁFICOS DA FASE 01 DO JUSTINO

Na Fase 01 o sítio tem características claras de acampamento temporário com dois momentos distintos de ocupação: o primeiro entre as decapagens 59 a 51 (6,00 e 5,20 m de profundidade), onde a frequência artefactual é baixa, denotando que os grupos permaneceram pouco tempo no sítio. Os remanescentes estão representados por sete manchas no solo e dezoito peças líticas. Foram evidenciados dois sepultamentos: sepultamento 159, decapagem 52; sepultamento 161, decapagem 51 (Vergne, 2004).

O segundo momento ocorre entre as decapagens de número 50 e 43 (5,20 e 4,40 m). Na Fase 01 não foram evidenciadas fogueiras, apenas manchas no solo, sendo que do total de manchas desta fase 75,0% concentra-se neste segundo momento ocupacional, indicando que o sítio (por algum motivo), passa a ser mais “visitado” ou que, perante as condições

	FASES	NÚMERO DAS OCUPAÇÕES	DECAPAGENS	PROFUNDIDADES	DATAÇÕES
CEM A	Fase 05	02	03–01	Intervalo de 0,20m entre 0,50 e 0,20 m	1280 ± 45 AP (decapagem 03)
		01	08–04	Intervalo de 0,40 m entre 1,00 e 0,50 m	1780 ± 60 AP (decapagem 06)
CEM B	Fase 04	01	15–09	Intervalo de 0,60 m entre 1,70 e 1,00 m	3270 ± 135 AP (decapagem 13) 2650 ± 150 AP (decapagem 10) 2530 ± 70 AP (decapagem 08)
CEM C	Fase 03	03	21–16	Intervalo de 0,50m entre 2,30 e 1,70 m	4790 ± 80 AP (decapagem 20)
		02	28–22	Intervalo de 0,60m entre 3,00 e 2,30 m	Sem datação
		01	34–29	Intervalo de 0,50m entre 3,60 e 3,00 m	5570 ± 70 AP (decapagem 30)
CEM D	Fase 02	01	42–35	Intervalo de 0,70m entre 4,40 e 3,60 m	8950 ± 70 AP (decapagem 40)
	Fase 01	02	50–43	Intervalo de 0,70m entre 5,20 e 4,40 m	Sem datação
		01	64–51	Intervalo de 0,80m entre 6,00 e 5,20 m	Sem datação

TABELA 02. FASES DE OCUPAÇÃO DO SÍTIO JUSTINO

¹⁰ Cabe destacar que, entretanto, acreditamos que a tecnologia cerâmica deve ter ocorrido a partir da decapagens 21/20, em torno de 4790 ± 80 AP. Vide Fagundes (2007), em especial capítulo 06.

naturais, parte dos remanescentes da ocupação anterior se perdeu com o tempo (?).

Sobre os vestígios líticos, que permitiu a identificação desta Fase de ocupação, o conjunto artefactual é marcado pela presença espaçada de material, ou seja, distribuído irregularmente ao longo dos solos de ocupação.

Percebe-se que grande parte está constituída por instrumentos (37,25%) representados, sobretudo, por raspadores unifaciais sobre seixos e lascas corticais, obtidas por meio da técnica de redução unipolar, tendo como núcleo seixos de diversas morfologias, mas com preferência para aqueles mais achatados com planos de percussão natural, isto é, seixos que apresentavam determinada morfologia (pré-concebida) apta a receber golpes para a obtenção de suportes sem que necessitasse de transformações prévias em suas estruturas (Fagundes, 2010b).

Outro predicado importante é que o material não foi exclusivamente manufaturado neste sítio, ou seja, parte das ferramentas deve ter sido debitada em outros locais, sendo levadas ao Justino como parte do estojo pessoal, fato que explicaria, inclusive, a presença de núcleos no registro, totalizando 15,68% do conjunto.

Acreditamos que neste momento o sítio não era utilizado como cemitério, nem mesmo esta ocupação teria caráter simbólico-ritualístico, sendo que os sepultamentos evidenciados nestas decapagens diriam respeito à Fase 02. De qualquer forma, é possível que os sepultamentos 159 e 161 sejam decorrentes do último momento de ocupação da Fase 01, fato que cooperaria para a explicação do aumento significativo de remanescentes culturais. Contudo, a análise das plantas baixas do sítio, o estudo dos conjuntos artefatuais, a frequência de remanescentes culturais e a própria posição estratigráfica dos sepultamentos evidenciados na Fase 01, sugerem que sejam intrusivos decorrentes da fase posterior.

Entre as decapagens de número 59 e 54 pudemos observar a escassez dos vestígios arqueológicos irregularmente distribuídos pela área escavada do sítio, com maior concentração nas quadrículas FL 37/39, sobretudo no intervalo da decapagem 55 (aproximadamente 5,60 m e profundidade). Na AM 21/25 foi evidenciada uma mancha escura de 0,78 m² de área com material lítico e restos faunísticos associados, seguindo entre as 58 e 57. Tudo indica que se tratava de uma fogueira, sendo a ausência de carvão causada pela ação de agentes naturais. Na FL 20/30, decapagem 58, foi evidenciado um percutor, isolado dos demais vestígios.

Entre as decapagens de número 53 e 51 (5,40 a 5,20 m de profundidade), ocorrem os primeiros esqueletos do sítio Justino. O enterramento 159 tem sua base na decapagem 52, quadrículas FL 45/50, com muito material lítico no entorno o que indica a associação como mobiliário funerário.

Sabendo que os sepultamentos são 'intrusivos' tivemos o cuidado de analisar o entorno das decapagens superiores (51 a 40) para observar indícios de remoção de material arqueológico dos níveis inferiores para os superiores devido ao ato de cavar o terreno para a execução da cova. Não há indícios desse tipo de remoção (o mesmo foi feito com o próximo enterramento).

Já o enterramento 161 tem sua base na decapagem 51 (5,20 m de profundidade), localizado espacialmente nas quadrículas LM 44/45, ocorrendo o mesmo comportamento observado no enterramento anterior.

O que podemos extrapolar por meio da análise da distribuição espacial dos vestígios são as concentrações e associações com manchas escuras que possivelmente eram fogueiras e, desse modo, possibilitando a inferência do uso do sítio como acampamento temporário. Na FL 10/15 foi evidenciada, por exemplo, uma mancha escura com 0,47 m², com mate-

rial lítico associado, além de outra pequena concentração de líticos nas quadrículas FL 15/20, indicando a associação com a mancha.

Entre as decapagens de números 50 e 43 (5,20 a 4,40 m de profundidade), ou seja, na segunda ocupação da Fase 01, foi possível observar a maior concentração de enterramentos representados pelos de número 160, 163 e 161.

Realizando-se o exercício de sobreposição dos planos de plotação dos vestígios das oito decapagens, observaram-se as seguintes realidades:

- Muita concentração de vestígios no entorno dos enterramentos, o que sugere: (a) Mobiliário funerário associado aos sepultamentos, supondo possível deslocamento vertical de alguns vestígios; (b) Mistura entre enterramentos e vestígios arqueológicos de ocupações anteriores.
- Concentração de vestígios arqueológicos associados às manchas no solo (de diferentes colorações), fora do contexto dos enterramentos.

Os dados apontam para a hipótese de que realmente os sepultamentos pertençam a Fase 02, destacando o fato de que eles ocorrem na face norte do terraço (exceto o de número 160), ambos concentrados entre as quadrículas AM 40/55, sendo que os indícios inequívocos do uso do assentamento como acampamento, referem-se aos vestígios e associações evidenciados nas faces leste/ nordeste. A observação das planimetrias indica que os vestígios materiais associados às manchas estão dispostos ao redor e em semicírculo, característica que permite a inferência de que realmente se tratavam de fogueiras.

Fato a ser destacado é a existência de manchas escuras com vestígios líticos de diferentes morfologias associados, localizadas nas quadrículas FL 45/50, a partir da decapagem 44 com ápice na decapagem 41, entre

0,80 – 1,10 m acima do sepultamento 159 (base na decapagem 52). A disposição e concentração de vestígios associados às manchas sugerem algum tipo de ritual que pode ter sido executado no ato do enterramento.

Em relação às demais manchas escuras evidenciadas nessa fase, podemos observar claramente que há prosseguimento de algumas entre as distintas decapagens, sugerindo que eram fogueiras que, devido aos processos naturais, não foi evidenciado carvão. Na decapagem 49 foi evidenciado três manchas entre as quadrículas FL 11/16, a primeira com 0,23 m², a segunda com 0,36 m² e a terceira com 0,42 m².

Na decapagem 48 foram evidenciadas quatro pequenas manchas (todas inferiores a 0,20 m²), três escuras e uma avermelhada (FM 15/20), com material lítico associado. Perante as dimensões pode-se inferir que seriam pequenas estruturas de combustão para fins bem específicos. Nas decapagem 47/46 outra pequena mancha avermelhada, quadrículas FM 25/30 (sem associações).

Na decapagem 45 ocorre uma mancha de 1,30 m² nas quadrículas FL 50/55, com material lítico associado e outras duas na FL 45/50, porém sem associações; a primeira com 0,27 m² e a segunda com 0,93 m². Na decapagem 44 foi evidenciada uma mancha vermelha alongada com 0,42 m², porém sem vestígios associados.

Enfim, o conjunto das decapagens, a disposição dos remanescentes culturais aliados à cadeia de produção dos conjuntos artefatuais líticos sugerem o uso temporário do sítio como acampamento nesse período.

A ausência de estruturas de combustão e de restos faunísticos em quantidade pode ser explicada pela ação de agentes naturais nos processos formativos do sítio, entretanto a sequência dessas manchas, somada a disposição dos vestígios líticos colaboram com nossas hipóteses.

SOLOS PALEOETNOGRÁFICOS DA FASE 02 DO JUSTINO

Na Fase 02 há mudanças significativas sobre o uso, orientação e permanência dos grupos no sítio, incidindo na própria tecnologias (lítica em específico. Fagundes, 2010b). Foi datado pelo método C14 em 8950 ± 70 A.P. (Fogueira 25, decapagens 40/41. Beta Analytic), equivalente a um espaço de 0,70 cm entre as decapagens 42 e 35 (entre aproximadamente 4,30 a 3,60 m de profundidade).

Há indícios que cooperam para a hipótese de que as ferramentas líticas passam a ser produzidas no Justino, visto que nas análises das seqüências operacionais e dos produtos gerados do processo de manufatura, 75,0% do conjunto está constituído por resíduos de lascamento, além da presença significativa de núcleos (27 peças) e percutores (16 peças). Os instrumentos ainda aparecem em número elevado (17,51% do total), além disso, grande parte dos implementos foi manufaturada em arenito silicificado que ocorre em 30,43% das peças desta fase, índice significativo quando comparado com as demais fases ou sítios da Área 03.

Há cinco estruturas de combustão organizadas, com presença de carvão, além de quarenta manchas escuras, todas com quantidade significativa de restos faunísticos. Outra característica de suma importância é que não há sepultamentos nestes solos ocupacionais.

Nossa hipótese é que a partir deste período o sítio Justino passa a ser concebido pelo grupo como um lugar persistente (Schlanger, 1992; Fagundes, 2009), dadas as características de ambientação do local; sua importância regional em termos de disponibilidade de recursos; acesso ao pediplano sertanejo pelo riacho Curitiba, um dos maiores da região; estabilidade micro-climática oferecida pelo canyon (Ab'Saber, 2002); e, quiçá, dada

sua utilização em longa duração, passou a integrar os sistemas de significação do grupo (Hitchcock & Bartram, 1998).

A base empírica para tais afirmações parte da assertiva que é neste momento que no Justino passa a ocorrer os rituais funerários, e por acreditarmos que nenhum grupo enterra seus mortos em um local aleatório, sobretudo quando este local serviu de “cemitério” em um período que segue de 8950 A.P. até aproximadamente 1200 A.P.

Em suma, como todo enterramento é intrusivo nos pacotes sedimentares, ou seja, se enterra o indivíduo em covas rasas ou profundas; acreditamos que os sepultamentos evidenciados no cemitério D (entre as decapagens 44 e 52) são provenientes dessa ocupação, onde foi possível observar uma concentração maior de estruturas e associações. Assim, o terraço do Justino neste período passa a ser reconhecido pelos grupos como um signo.

Com base nos apontamentos de Schlanger (1992), acreditamos que a área onde foi evidenciado o sítio Justino, bem como todo o seu entorno, passa a constituir um lugar persistente, inicialmente relacionado às suas características funcionais, mas que, ao longo do tempo, seu uso foi redirecionado até ser incorporado aos sistemas cognitivo e de significação do grupo (ou grupos), assumindo um caráter ora residencial ora ritualístico, ou ambos; sobretudo relacionado ao apego sentimental como local dos ancestrais (Hitchcock & Bartram, 1998).

Assim sendo, neste período o local perpassa de entidade física e assume um caráter duplo. Um enquanto sua inerente materialidade e outro enquanto constituído por aspectos cognitivos e comportamentais, visto que como lugar persistente pode ser concebido como um sistema de signos e símbolos apropriados e transmitidos por sociedades humanas (Mauss, 1974; Fagundes, 2009).

Na análise da distribuição espaço-temporal dos remanescentes culturais (687 no total), percebe-se que a maior concentração de vestígios situa-se na face leste do sítio, espaço marcado pela existência de muitas manchas no solo, com associação de cultura material lítica e restos faunísticos.

A estrutura de combustão 25, localizada entre as decapagens 41/40 e medindo 1,22 m², apresentou material lítico associado e restos faunísticos. Fato a ser destacado enquanto recorrência é que tanto nessa fogueira quanto em duas manchas escuras com material lítico associado, destaca-se a presença de um percutor e de resíduos.

Ainda nas mesmas decapagens, na mancha evidenciada entre as quadrículas AL 21/25 (mancha A), medindo 0,90 m², há muito material lítico concentrado, constituído por resíduos com presença de uma lasca bruta, em sua maior parte; além de restos alimentares. Já a evidenciada entre as quadrículas FM 10/15 (mancha B) trata-se de uma grande mancha medindo 2,15 m², com blocos e vestígios líticos associados (resíduos e um percutor). Conjectura principal diz respeito ao processo de reparo de instrumentos durante o preparo de alimentos nas fogueiras (?), uma vez que não há indícios de lascamento 'stricto-sensu' ou de lascamento térmico que justificasse a presença de resíduos e percutores associados às fogueiras.

A primeira associação ocorre próximo ao local do sepultamento 158 associada a uma mancha escura de 1,80 m², com presença de muito material lítico (inclusive artefatos) e restos alimentares carbonizados. A segunda concentração está localizada na FM 40/45, próxima de uma mancha 1,33 m², com muito material lítico e restos faunísticos associados; a terceira na FM 50/55 outra mancha esta com 0,70 m², com lítico associado; a quarta na FM 45/50, uma gran-

de mancha com 2,15 m² de extensão; e a última na AE 50/55 de pequena dimensão 0,64 m², mas com muito lítico associado.

Entre as decapagens 39 e 35 percebe-se que o comportamento da distribuição espacial continua o mesmo. Entre as decapagens 39/38 foram evidenciadas cinco manchas escuras e três concentrações de material lítico (duas isoladas e uma associada à área de sepultamento).

Nas decapagens 36/37 a porção do sítio com maior concentração de vestígios está entre as quadrículas AM 10/25 (não relacionadas aos sepultamentos) e AM 30/45, relacionadas aos sepultamentos do cemitério D, mas é notório o uso mais freqüente do eixo AS 01/35, ou seja, área sem sepultamentos. Foi possível identificar as seguintes estruturas e concentrações:

- Entre a decapagem 37/36, quadrículas FL 35/40, concentração circular de vestígios (líticos, vértebras de peixes e conchas calcinadas), porém sem estarem associados às fogueiras ou manchas.
- Duas manchas escuras na área de sepultamento, entre as quadrículas AE 40/45, a primeira (M01), associada a vestígios líticos, medindo 0,93 m²; a segunda sem associações, medindo 0,48 m².
- Duas estruturas de combustão localizadas na face leste do sítio, com material lítico e restos faunísticos circundando ambas.
 - a) Fogueira 22, localizada na quadrícula AE21/25, medindo 0,36 m².
 - b) Fogueira 21, também localizada na quadrícula AE 21/25, medindo 0,25 m².
- Logo atrás dessas fogueiras observa-se a presença de quatro manchas escuras, todas com material lítico e restos faunísticos associados, a saber:
 - a) Mancha escura 01, localizada na FL 25/20, medindo 0,61 m², com muito lítico associado.

b) Mancha escura 02, ao lado da mancha 01, localizada na quadrícula FL 16/20 medindo aproximadamente 2,00 m², sem material associado.

c) Mancha escura 03 na mesma quadrícula da mancha 02, porém bem pequena, aproximadamente 0,10 m², sem material associado.

d) Mancha escura 04, na FL 11/15, medindo 2,80 m², com material lítico e faunístico associado.

O que se percebe é que este espaço do sítio foi utilizado constantemente. A título de especulação podemos considerar: (1^o) Área habitacional; (2^o) Área onde ocupações sequenciais ocorreram em um curto espaço de tempo, dada a quantidade de estruturas de combustão e manchas que, estariam associadas às antigas fogueiras.

De qualquer forma podemos inferir que nesse espaço entre as quadrículas AM (S) 1/35, foi uma área com indícios de acampamento com o registro arqueológico apontando para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao preparo de alimento, proteção e lascamento.

No tocante a tecnologia lítica, foi possível perceber uma quantidade significativa de peças líticas (principalmente resíduos de

lascamento e núcleos), aparecendo geralmente associados às fogueiras ou manchas no solo, indicativo de que pelo menos parte do processo de debitage estava ocorrendo no local, tanto relacionado à produção de artefatos mais expeditos, sobretudo de quartzo, como também no processo de manutenção/ reparo, este último processo indicado pela quantidade de estilhas de sílex.

SOLOS PALEOETNOGRÁFICOS DA FASE 03 DO JUSTINO

A Fase 03 (entre as decapagens de número 34 e 16 – 3,50 a 1,70 m de profundidade), coincidente com o cemitério C, é marcada por períodos de curtas ocupações, que podem estar associadas ao uso do sítio como acampamento temporário ou de incursões para visita aos mortos, ou ambas as situações.

Entretanto, a questão é: por que nesse período de quase 800 anos o terraço é supostamente ‘abandonado’ pelos grupos (entre 5570 A.P. a aproximadamente 4790 A.P. com base nas datações das decapagens 30 e 20)?

A Fase 03 foi dividida em três períodos de ocupação distintos, sobretudo relacionados às indicações de Dominguez & Britcha (1997). Todavia, antes de iniciarmos a descrição dos solos evidenciados pelas escavações, acredita-

DECAP.	RESÍDUOS	LASCAS BRUTAS	NUCLEOS	PERUTORES	ARTEFATOS	LÍTICOS TOTAL	EC	ME	RA	C	TOTAL VESTÍGIOS
42	61	06	01	03	02	73	–	06	02	03	84
41	58	04	05	02	–	69	–	06	04	03	82
40	45	07	04	01	05	62	01	–	07	–	70
39	43	05	05	–	01	54	–	05	–	–	59
38	52	05	03	02	01	63	01	07	–	05	76
37	66	12	02	03	03	86	02	06	–	–	94
36	56	15	03	01	08	83	–	03	–	–	86
35	85	26	04	05	08	128	01	07	–	–	136

TABELA 03. REMANESCENTES CULTURAIS DA FASE 02 DO JUSTINO. LEGENDA: EC= ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO; ME=MANCHA ESCURA; RA=RESTOS FAUNÍSTICOS; C=CONCHAS.

mos ser interessante à realização de um exercício especulativo comparando a Fase 03 com as demais, em função da série de hipóteses que têm sido formuladas, pensadas e repensadas sobre esse sítio.

A equipe de escavação privilegiou datar o sítio em intervalos de 1,00 m de profundidade entre as decapagens 10 e 40, exceto que dadas às particularidades dos cemitérios B e A outras decapagens foram datadas. Com base exclusivamente nesses resultados das datações absolutas em C14, observou-se que durante a Fase 03, entre as decapagens 30 e 20, o processo de formação do terraço foi mais rápido que nos demais períodos, ou seja, em aproximadamente 800 anos fora acrescido mais um metro de sedimento, conforme tabela 02.

Os dados de paleoambiente que temos para a área de pesquisa (Ab'Saber, 1989, 2002, 2003; Cavalcanti, 2005), apontam para uma estabilidade climática no Nordeste a partir da passagem do pleistoceno para o holoceno, com a presença do clima semi-árido e da caatinga, sendo que, inclusive, a região passou por um período ainda mais árido do que atualmente, com estações secas mais prolongadas. Entretanto, é notório que o regime de cheias do São Francisco depende, até hoje, do clima semi-árido.

Assim, supondo que no período entre 5500 e 4500 A.P. as cheias e vazão do rio fossem mais intensas (e por isso que o processo deposicional foi mais rápido que nos demais – levando em conta os processos deposicionais coluviais e os erosivos), seria uma entre as possíveis explicações da causa do terraço ter sido ‘abandonado’? Seria em função desta condição que os demais sítios arqueológicos da Área 03, com base nas datações de alguns deles por termoluminescência, passam a surgir apenas após esse período?

Dessa forma, somando-se essas hipóteses com a nossa realidade empírica de que os grupos não permaneceram muito tempo no

terraço do Justino (além dos demais sítios surgirem após esse período), pode-se inferir sobre as causas desta quebra de estabilidade ocupacional entre a Fase 02 e Fases 04 e 05, representada pelas curtas permanências na primeira e segunda ocupações da Fase 03.

De qualquer forma, todos os dados apresentados são pouco conclusivos e, por isso, o caráter especulativo.

Mesmo com as indicações de Dominguez & Britcha (1997) sobre as cheias do São Francisco e a intensidade das mesmas, não podemos afirmar com certeza até que ponto elas influenciaram na organização social desses grupos, sobretudo a partir da decapagem 20 onde a quantidade de remanescentes culturais, concentrações e associações são imensas, não havendo espaços sem presença de cultura material, enterramentos intactos (exceto na Fase 05, onde há muitas concentrações de ossos que podem ter sido enterramentos bioturbados, porém em função de diferentes causas), etc.

Logo é extremamente importante destacar que se trata de um exercício repleto de limitações, sobretudo do ponto de vista geomorfológico, uma vez que não está incluso em uma teoria interpretativa dos solos, com dados acerca de índices erosivos e de sedimentação aliados à situação topoambiental da área de estudo, destacando as qualidades de vazão e dinâmica aluviais nos terraços.

Neste caso as informações aqui apresentadas não podem ser consideradas como conceitos chaves/interpretativos para avaliação da Fase 03, mas indicam a necessidade de estudos da relação deposição/erosão e formação do pacote arqueológico e sedimentar no holoceno médio em Xingó.

Em meio a estas extrapolações pode-se indicar que entre as causas da inexistência de remanescentes culturais em densidade no Justino decorre das suposições, a saber:

- Que o processo de cheias (e vazão) do São Francisco impediu a ocorrência de ocupações mais fixas ou prolongadas no terraço do Justino no período indicado.
- Que em função desse provável período de instabilidade ambiental, associado a uma maior e presumível vazão do São Francisco, transformando o terraço do Justino em um patamar antigo

as primeiras ocupações da Fase 03 diz respeito ao uso do sítio enquanto acampamento temporário, podendo estar relacionado ao desempenho das atividades cotidianas do grupo (grupos), bem como aquelas de caráter mais 'ritualístico' (visita aos ancestrais). Não acreditamos que se trata de solos de ocupação intactos, principalmente em função da complexidade que envolve a estratificação desse sítio.

Se pensarmos o sítio em sua totalidade esse período não registra a presença de estruturas de combustão organizadas, apenas manchas (entre as decapagens de número 34 e 21 – de 3,50 a aproximadamente 2,20/2,10 m de profundidade –

Decapagem	Datação	Método	Profundidade (M)	Intervalo (M)	Formação (Anos)
40	8950 ± 70 AP	C ¹⁴	4,10	1,00	–
30	5570 ± 70 AP	C ¹⁴	3,10	1,00	3400
20	4790 ± 80 AP	C ¹⁴	2,10	1,00	780
13	3270 ± 35AP	C ¹⁴	1,40	0,70	1520
10	2650 ± 150 AP	C ¹⁴	1,10	0,30	620
08	2530 ± 70 AP	C ¹⁴	0,90	0,20	120
06	1780 ± 60 AP	C ¹⁴	0,70	0,60	490
05	1280 ± 45 AP	C ¹⁴	0,40	0,30	1280

TABELA 04. DADOS COMPARATIVOS DE FORMAÇÃO DO TERRAÇO JUSTINO (PARTINDO DA SEDIMENTAÇÃO – SEM ÍNDICES EROSIVOS)

de inundação; pode-se imaginar que tal ação deve ter interferido significativamente na composição de estruturas existentes e mesmo destruído parte de um pacote cultural preexistente.

Ou seja, poderiam ter ocorrido duas situações:

- Os grupos estavam ali, porém as ações naturais foram responsáveis em dismantelar o registro arqueológico;
- Os grupos não permaneceram no local, visitando-o com certa frequência, mas em pequenas ocupações.

Sob o nosso ponto de vista, sobretudo após a avaliação dos mapas de plotação de vestígios, características da cadeia operatória lítica e a inexistência de pacotes arqueológicos com sepultamentos provindos desse período; acreditamos que a realidade para

foram evidenciadas 62 manchas escuras no solo), e a própria distribuição dos vestígios nos solos de ocupação; pode-se inferir que ocorreram bioturbações significativas, muito embora a maior parte desses vestígios esteja associada às manchas de prováveis antigas fogueiras, nesse caso, pode-se inferir que os materiais mais leves (carvão, estilhas, restos faunísticos, etc.), possam ter sido mais facilmente carregados.

Feito nosso exercício, cabe a descrição das diferentes ocupações da Fase 03. A primeira ocupação ocorre em um intervalo de 0,60 m, entre as decapagens 34 e 29. É marcada pela presença de poucos remanescentes culturais, evidenciando o uso do sítio, sobretudo no eixo AS 1/35, fora da área de sepultamentos, dado que corrobora com nossa hipótese de seu uso como acampamento temporário, datado de 5570 ± 70 A.P. (Decapagem 30. Beta Analytic).

Os vestígios líticos estão representados por trinta e seis peças e, nesse período, ocorrem os primeiros elementos cerâmicos representados por seis fragmentos. Além disso, nota-se o número elevado de manchas escuras no solo (32 no total).

Observa-se que na área dos sepultamentos relacionados ao cemitério D (AS 35/55) quase não há remanescentes culturais, sendo que a maior parte dos evidenciados nesse solo de ocupação diz respeito à parte oposta do sítio.

Na decapagem 34, quadrículas AE 20/25, foi evidenciada uma grande mancha escura de 2,80 m², com bastante material lítico e restos alimentares associados, inclusive é a maior concentração de peças líticas dessa ocupação, visto que nas decapagens subsequentes o número de elementos é bem reduzido, geralmente sem associações. As demais manchas desse período são numericamente significativas, porém muito pequenas, geralmente não passando de 0,20 m², exceto por uma grande mancha escura evidenciada na decapagem 30, de 1,80 m², localizada na área de sepultamento, quadrículas FL 50/55, podendo estar relacionada à ritualidade (?).

A segunda ocupação ocorre entre as decapagens 28 a 22, em um intervalo de 0,70 m, não havendo datações absolutas para esse período entre 5570 e 4790 A.P., aproximadamente. Há uma diminuição dos remanescentes culturais no sítio, evidenciando o seu uso esporádico (sazonal), estando relacionado aos acampamentos temporários, como associado à ritualidade funerária, muito embora possa se alegar à ação de agentes naturais nos processos formativos do registro arqueológico.

Nesse período começam novamente a ocorrer enterramentos. Todavia, lembrando que todo o sepultamento é intrusivo, além disso, que há padrões regulares na confec-

ção das covas para os sepultamentos e que no Justino as camadas de ocupação apresentavam muito pouca inclinação (Vergne, 2004); é justo creditar que os indivíduos exumados entre as decapagens 28 e 22 (aproximadamente), sejam provenientes de um novo momento nos terraços em Xingó, representado pelo advento da tecnologia cerâmica que deve ter ocorrido em torno 4790 ± 80 AP (datação para a decapagem 20), sendo que os elementos anteriores a esta decapagem devem ter origem também intrusiva em função da própria intervenção humana, pré-histórica, no solo; fato que deve ser somado às características acerca da frequência e morfologia dos elementos evidenciados.

Neste caso, recuamos o advento da cerâmica em Xingó aproximadamente 1000 anos. Todavia, esta conjectura necessita de uma análise mais bem detalhada. Logo, o que queremos afirmar é que esses ‘mortos’ são provenientes das ocupações entre as decapagens 15 e 20/22, ou seja, do último período de ocupação da Fase 03.

Nessa segunda ocupação, há um redirecionamento do uso do espaço, uma vez que o eixo de utilização se confirma no corredor AS 01/35 (aproximadamente 700 m²), como salientado, com o surgimento de sepultamentos (decapagens 28 e 27). Diferente dos demais cemitérios estudados por Vergne (2004), não há concentrações específicas, estando os enterramentos distribuídos sob forma de conjuntos em semicírculo tanto nas faces norte como face sul do sítio.

Para Vergne (2004), esses enterramentos estariam ‘arrumados’ em semicírculos acompanhando o que seriam as antigas habitações dos primeiros ceramistas na área.

A partir decapagem 26 até a 23/22 observam-se poucos vestígios materiais no solo de ocupação, contudo os vestígios

líticos só aparecem associados às manchas no solo, salvo raras exceções. Essas concentrações estão distribuídas irregularmente, sobretudo nesse espaço do sítio supracitado. De qualquer forma cabe uma pequena descrição dos remanescentes culturais por decapagem:

- Decapagem 28 – Entre as quadrículas FL 45/50 há um número significativo de cultura material lítica, entretanto associada aos sepultamentos. Na quadrícula EF 49/51 foi evidenciada uma mancha avermelhada no solo de 0,90 m², com uma lasca bruta associada.
- Decapagem 27 – ocorre a base do esqueleto 168 na quadrícula AE 26/30, com muito lítico associado como enxoval funerário. Na quadrícula FL 50/55 ocorre uma mancha escura de 0,30 m² sem material arqueológico associado.
- Decapagens 26 e 25 – quase não há vestígios materiais que ocorrem distribuídos pelo espaço do sítio, são quatro líticos e dois fragmentos cerâmicos. Há uma pequena mancha escura na área de sepultamentos, FL 45/50.
- Decapagem 24 – ocorre o mesmo que nas anteriores, sendo evidenciados apenas dois fragmentos cerâmicos, associados a uma pequena mancha na quadrícula AF 15/20. Entre as quadrículas AM 10/20 há concentração de manchas escuras no solo, todas muito pequenas e sem vestígios arqueológicos associados. Na quadrícula FL 49/52 uma mancha cinza de 0,73 m², com um fragmento de resto faunístico.

Entre as decapagens 21 a 16 é o momento marcado pelo aumento significativo dos remanescentes culturais, sobretudo a cerâmica, sendo datado em 4790 ± 80 A.P. (Decapagem 20. Beta Analytic). Acreditamos que aqui é o momento de transição indicado por Vergne (2004), onde o grupo passa a se fixar por maior tempo no terraço do Justino, por todos os fatores que temos discutido ao longo deste texto, ou

seja, um novo cenário que obrigou a população a traçar estratégias adaptativas ao meio natural e social; tal fato é observado empiricamente pelos itens, a saber:

- O aumento significativo dos remanescentes culturais evidenciados na escavação, sobretudo referente aos itens que são descartados na área habitacional (espaço ‘doméstico’).
- Pela mudança na tecnologia lítica e pelo advento da cultura material cerâmica.
- Pela diminuição paulatina na diversidade do uso de recursos líticos.
- Diminuição dos implementos de curadoria nos solos de ocupação do Justino que, inversamente, passam a existir nos sítios de atividade específica.
- Surgimento de novos sítios de terraço.
- Diminuição na mobilidade residencial e aumento na logística.

A partir da decapagem 21 observa-se o aumento de cultura material lítica e cerâmica, bem como o número de sepultamento que, supostamente, sejam decorrentes das ocupações anteriores. Há também uma nova realidade no uso do espaço no tocante aos locais onde os sepultamentos estão sendo levados a cabo, passando a se concentrar na FL 10/35 e na PR 35/39. O que se pode observar por meio da disposição dos sepultamentos tanto vertical como horizontalmente é uma ‘mescla’ entre os padrões do cemitério D e B. Novamente confirmando a hipótese de Vergne (2004), de um período transitório.

A partir da decapagem 18/16, há uma ‘explosão’ de cultura material, associada ou não aos sepultamentos. É a partir desse momento, com ápice no cemitério B, que acreditamos que o sítio passa a ser mais usado pelo grupo (ou grupos), tanto para execução de suas práticas cotidianas (enquanto espaço doméstico), quanto

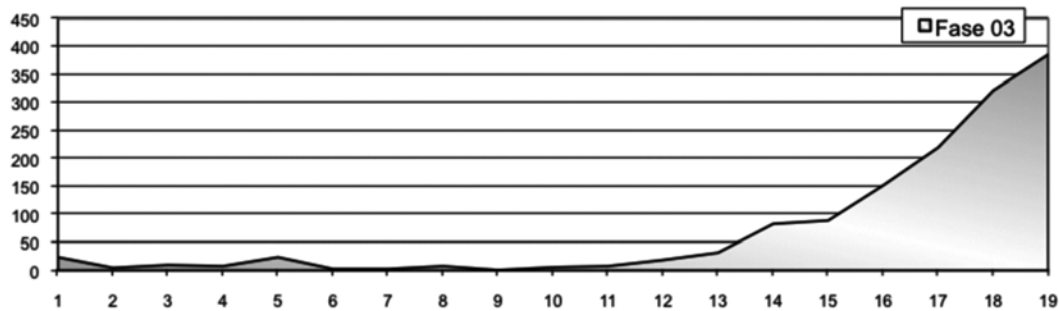


GRÁFICO 01. DISTRIBUIÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DOS REMANESCENTES CULTURAIS EVIDENCIADOS NA FASE 03 DO SÍTIO JUSTINO. EIXO Y – QUANTIDADE DE VESTÍGIOS EIXO X – DECAPAGENS: 01 = DECAPAGEM 36 E 19 = DECAPAGEM 16

para as culturais-simbólicas relacionadas às práticas mortuárias, como discutiremos a frente.

Em resumo, a Fase 03 é marcada por diferentes níveis e tipos de ocupação do espaço do Justino. Não sabemos as causas diretas do abandono do sítio durante a primeira e segunda ocupações, do mesmo modo, quais os motivos que levaram o grupo (grupos) a utilizá-lo novamente como habitação após um longo período. De qualquer forma o estudo dessa Fase foi de suma importância uma vez que foi possível mapear características para a compreensão do assentamento em sua totalidade.

SOLOS PALEOETNOGRÁFICOS DA FASE 04 DO JUSTINO

A Fase 04, entre as decapagens 15 a 09, é o momento de explosão no tocante ao uso do espaço no Justino. Há um aumento significativo na quantidade, diversidade e concentração dos remanescentes culturais, inclusive com presença de diferentes estruturas no solo de ocupação, datado entre 3270 ± 135 AP (decapagem 13) e 2650 ± 150 AP (decapagem 10).

Com base na distribuição estratigráfica dos remanescentes culturais, nos estudos sedimentológicos (Dominguez & Britcha, 1997) e da ritualidade funerária (Vergne,

2004), pode-se observar que não há intervalos de abandono do sítio neste período, característica observada pela distribuição dos remanescentes culturais na estratificação, marcada pela presença expressiva de estruturas em todas as decapagens.

Estes remanescentes estão distribuídos por toda a área do sítio, porém estando concentrados na parte leste, mais próxima à encosta do canyon (entre as quadras AS 35/55); geralmente associados às diferentes estruturas, não apenas aos sepultamentos. Cabe ressaltar que neste período é que se encontra o maior número de enterramentos do Justino. Indiscutivelmente é na Fase 04, cemitério B, que o sítio estava sendo ocupado como habitação semipermanente.

A respeito dos sepultamentos exumados nessa Fase, pode-se concentrá-los em três momentos distintos, a saber:

- Entre as decapagens 14 e 13 (entre 1,50 m e 1,30 m de profundidade) – em que foram evidenciadas nove sepulturas e três agrupamentos de ossos, concentrados entre as quadriculas MZ 21/35; período datado em 3270 ± 135 A.P., com base no carvão da fogueira 09 evidenciada na decapagem 13.
- Entre as decapagens 12 e 11 (entre 1,30 m a 1,10 m de profundidade) – em que foram evidenciados treze sepultamentos e três

concentrações de ossos, entre as quadrículas FZ 21/32;

- Entre as decapagens 10 e 09 (entre 1,10 m a 0,90 m de profundidade) – onde foi exumado o maior número de indivíduos, totalizando trinta e nove sepultamentos e cinco concentrações de ossos, datados em 2650 ± 160 A.P., com base no carvão da fogueira 19; ambos localizados entre as quadrículas FZ 21/35.

Ainda segundo Vergne (2004) a distribuição dos enterramentos nesse momento segue uma ordem lógica, estando divididos em diferentes conjuntos: um principal e quatro secundários, além do sepultamento nº165 que se encontrava completamente isolado dos demais.

É importante frisar que os conjuntos secundários trazem especificidades tais como vasilhames completos sobre o indivíduo sepultado (conjunto 03, constituído pelos sepultamentos de número 118, 116 e 10), ou dentro de vasilhames cerâmicos (conjunto 04, sepultamento 167 e 166). Além disso, a distribuição espacial das sepulturas do cemitério B (em forma circular e extremamente agrupados) sugere que os enterramentos tenham sido realizados seguindo o contorno da habitação (conforme Vergne, 2004).

Ou seja, com base nos dados empíricos da autora, percebe-se que os enterramentos distinguem-se até mesmo no espaço do sítio arqueológico, além disso, foi notória a hierarquia social entre os indivíduos, observada em sua pesquisa por meio da análise dos remanescentes culturais associados aos sepultamentos como mobiliário funerário (Vergne, 2004).

Assim, diferente que se observou no Cemitério C, os sepultamentos aqui estão concentrados (salvo raras exceções) na face sul do terraço, entre as quadrículas FZ

21-35, perfazendo 225 m², também abrangendo o setor II do Justino (Vergne, 2004).

No que se refere aos conjuntos artefatuais líticos, a expediência é notória nesse desse período, mas também encontramos artefatos mais bem manufaturados, sobretudo em sílex. Aqui o uso do quartzo torna-se realmente majoritário entre os conjuntos líticos (cerca de 73,00%). Nossa hipótese, como anteriormente se discutira, vincula-se à maior sedentarização do grupo (grupos) nesse período, instaurando decididamente o uso do assentamento como base (habitação).

Segundo nossas inferências, obtidas em meios aos dados estatístico-comparativos (Fagundes, 2007; 2010b), os núcleos esgotados encontram-se nas decapagens finais desta Fase (11 a 09), período que também ocorre a maior quantidade de resíduos de lascamento (52,28% do total) e maior frequência de percutores (52,38% do total). Tais recorrências indicam que em torno de 2500 A. P. a atividades redutivas para a produção de ferramentas líticas eram mais frequentes, sobretudo para a manufatura de ferramentas expeditas para uso momentâneo, com pouca preocupação com a morfologia ou questões relativas à durabilidade ou ‘estética’, ou seja, a ferramenta deveria ser útil para uma atividade imediata e certamente pouco especializada.

Na decapagem 11, por exemplo, a maior parte dos artefatos stricto-sensu estava constituída por ferramentas sobre seixo ou bloco, que receberam poucos golpes para a criação de um bordo ativo. São pouco especializados e pela análise macroscópica percebeu-se que foram peças utilizadas e descartadas.

O conjunto artefactual depositado como mobiliário funerário, entretanto, há modificações sensíveis. São peças mais bem elaboradas, com marcas claras de manutenção/

reparos em muitas, sendo que as ações transformativas pós-debitagem ocorrem com maior frequência, denotando uma maior preocupação com a durabilidade do instrumento, características que afastam a possibilidade desse material ter sido manufaturado exclusivamente para fazer parte do mobiliário funerário.

Em relação à tecnologia cerâmica observamos uma maior diversidade de tipos decorativos em relação à Fase posterior (Luna, 2001; Vergne, 2004).

No tocante ao estudo dos solos de ocupação dada a quantidade imensa de material é quase impossível indicar concentrações e associações. São 61 manchas escuras, todas com remanescentes associados; 08 manchas claras, 03 manchas vermelhas e 01 mancha cinza. No que diz respeito às estruturas de combustão pode-se evidenciar 05 nessa fase do Justino, sendo que 02 que estavam associadas aos conjuntos de estruturas funerárias foram datadas: as fogueiras 09 e 19.

Para essa fase, dada a quantidade de remanescentes culturais nos solos de ocupação, tornou-se difícil a visualização de concentrações ou associações dos remanescentes culturais, exceto em casos específicos. Assim, julgamos não ser necessária a descrição minuciosa de cada uma das decapagens, exceto para algumas particularidades, a saber:

- Na decapagem 09 a maior concentração de remanescentes culturais está na área de sepultamentos. Na fogueira 09 (AF 15/20 com 0,18 m² de dimensão) havia uma concentração de vestígios materiais, sobretudo cerâmica, na face sul dessa estrutura, em forma de semicírculo. Na fogueira 08 (AE 16/20 com 0,80 m²), apesar de maior que a anterior não houve nenhum tipo de vestígio material associado.

- Na decapagem 10, quadrícula AE 35/40, foi evidenciada uma imensa mancha escura de aproximadamente 6,00 m², retangular, com uma significativa quantidade de fragmentos cerâmicos e restos faunísticos associados. Na quadrícula ao lado, AE 40/45, foram evidenciadas seis manchas escuras, todas de pequenas dimensões, porém também com muito material faunístico e fragmentos cerâmicos associados (mancha 01 = 0,42 m²; mancha 02 = 0,40 m²; mancha 03 = 0,37 m²; mancha 04 = 0,17 m²; mancha 05 = 0,55 m² e mancha 06 = 0,43 m²). Na quadrícula FL 51/55 foi evidenciada a fogueira 19 (0,60 m²), com muitos remanescentes associados na face norte dessa estrutura, sobretudo cerâmica, peças líticas e restos faunísticos.

- Na decapagem 12 o maior destaque diz respeito à fogueira 15 (quadrícula AE 36/40 com 0,71 m² de dimensão), onde havia grande concentração de remanescentes culturais, dispostos ao redor da estrutura (em círculo).

SOLOS PALEOETNOGRÁFICOS DA FASE 05 DO JUSTINO

A última fase de ocupação do sítio está localizada entre as decapagens 08 e 01 (um intervalo de 80 cm, entre 0,10 e 0,90 m de profundidade), ocorrendo duas datações para o período: para a primeira ocupação 1780 ± 60 AP (decapagem 06); e 1280 ± 45 AP (decapagem 03), para a segunda ocupação.

A Fase 05 (equivalente ao cemitério A) foi subdividida por nós em duas ocupações, utilizando como critério a presença de sepultamento (que ocorrem entre as decapagens 08 e 04) ou ausência deles (entre 03 e 01). Entretanto, o estudo das cadeias operatórias líticas demonstrou uma similaridade extrema entre os conjuntos provenientes dessa divisão, notoriamente arbitrária.

Como dito anteriormente, esse pode ser

Decap.	VESTÍGIOS LÍTICOS						OUTROS REMANESCENTES							TOTAL
	RES	LB	N	PER	ART	TOTAL	CER	EC	ME	MC	MV	MCZ	RA	
15	49	15	02	03	07	76	721	-	10	-	-	-	151	958
14	118	06	03	02	07	136	504	-	08	01	01	-	91	741
13	106	08	04	05	04	127	525	-	03	03	-	01	146	805
12	124	07	02	03	04	140	668	03	15	-	01	-	185	1010
11	151	10	04	02	08	175	545	01	08	02	01	-	211	943
10	111	12	03	06	07	139	546	01	12	02	-	-	213	913
09	173	14	03	-	08	198	1054	-	05	-	-	-	302	1558
Total	832	72	21	21	45	991	4563	05	61	08	03	01	1297	6929

TABELA 05. REMANESCENTES CULTURAIS DA FASE 04, JUSTINO. LEGENDA: RES = RESÍDUO; LB = LASCA BRUTA; N = NÚCLEO; PER = PERCUTOR; ART = ARTEFATO; CER = FRAGMENTOS CERÂMICOS; EC = ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO; ME = MANCHA ESCURA; MC = MANCHA CLARA; MV = MANCHA VERMELHA; MCZ = MANCHA CINZA; RA = RESTO ALIMENTAR.

considerado o período com maior diferença entre os demais em relação à tecnologia lítica, com a presença de artefatos mais expeditos e vestígios cerâmicos apenas alisados (diferente das outras fases). Logo, a característica mais marcante desta fase é a expediência dos diferentes conjuntos artefatuais.

Também é o período com maior número de remanescentes culturais evidenciados em solo de ocupação. São tantas as estruturas e concentrações que em nossos exercícios de sobreposição de camadas o que conseguíamos ver era literalmente uma imensa mancha escura em toda a área (!). Nesse caso, nos atemos a citar a quantidade de remanescentes que, certamente, é assombrosa; as principais características tecnológicas dos conjuntos artefatuais; e a disposição do cemitério e sua relação com os solos ocupacionais.

Assim foram evidenciados entre as decapagens 08 e 01 (apenas solo de ocupação, excetuando mobiliário funerário), 12821 remanescentes culturais, a saber: 8667 fragmentos cerâmicos; 2513 elementos líticos; 17 estruturas de combustão; 122 manchas escuras, com carvão associado; 01 mancha clara; 18 manchas vermelhas; 05 manchas cinzas; 1972 restos fragmentos de restos faunísticos; 10 conchas carbonizadas (Fagundes, 2007).

Em relação ao uso do espaço como cemi-

tério, percebemos um novo direcionamento dos enterramentos. Segundo análises de Vergne (2004), há dois subconjuntos principais nesse cemitério, ambos situados no quadrante leste, entre as quadriculas AE /FL /R - 06/30. São sepulturas mais dispersas se comparadas ao cemitério anterior, além de estarem distribuídas de forma alongada e não circular. Entretanto, percebe-se que os sepultamentos tanto o cemitério A quanto o B, não ocorrem na face sudeste/ sul do sítio, onde há muitas estruturas em meio a espaços vazios que podem indicar o local das habitações.

A indústria lítica é marcada pelo caráter expedito, com instrumentos sobre lascas de quartzo muito mal retocadas, mas na maioria sendo manufaturados sobre pequenos blocos de quartzo (11 peças), onde eram executadas pequenas retiradas para criação de bordo ativo, do mesmo modo ocorrendo em raspadores sobre seixo todos unifaciais (12 exemplares). O restante dos artefatos está representado por quatro raspadores sobre lasca quadrangular e vinte e duas lascas retocadas. Desse total, vinte e nove são de quartzo, dez de sílex, dez de arenito silicificado e três de quartzito.

Foi nessa Fase de ocupação do sítio que temos os dados sobre zooarqueologia mais bem trabalhados sobre o Justino, análises executadas por Silva (1994) e Palmeira (1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redação da tese que deu origem a esse artigo foi um desafio em todas suas etapas, principalmente se pensarmos na complexidade que envolve todas as questões arqueológicas para a Área Arqueológica de Xingó, dentre as quais:

- Seus conjuntos artefatuais não apresentam similaridades com as áreas circunvizinhas, sobretudo as ferramentas líticas e a tecnologia cerâmica;
- O sítio Justino, nosso modelo gravitacional,

sujeita à dinâmica de um grande rio, o São Francisco – que tem cooperado efetivamente para as mudanças na paisagem ao longo dos anos; esperava-se encontrar um assentamento com estratificação no mínimo complicada, além de desarranjos estruturais que, a priori, não possibilitariam (ou permitiriam) uma sistematização coerente dos dados empíricos em função dos prováveis movimentos verticais das peças, misturadas entre camadas arqueológicas, impossibilitando uma compreensão dos solos

Decap.	VESTÍGIOS LÍTICOS						OUTROS REMANESCENTES								TOTAL
	RES	LB	N	PER	ART	TOTAL	CER	EC	ME	MC	MV	MCZ	RA		
08	568	14	05	05	07	599	942	02	08	01	01	01	238	958	
07	462	11	07	06	08	494	716	01	16	–	–	–	293	741	
06	190	12	02	03	07	214	752	–	12	–	03	03	197	805	
05	225	15	–	06	06	252	834	03	23	–	–	–	218	1010	
04	222	13	02	04	05	246	772	02	04	–	01	01	64	943	
03	218	12	01	02	09	242	792	05	28	–	11	11	366	913	
02	200	13	05	03	–	221	1944	03	18	–	02	02	314	1558	
01	202	20	12	05	06	245	1915	01	13	–	–	–	282	6929	
Total	2287	110	34	34	48	2513	8667	17	122	01	18	05	1972	12821	

TABELA 06. REMANESCENTES CULTURAIS DA FASE 05

apresentou datações antigas em torno de 9000 anos A.P.; surgimento da tecnologia cerâmica no holoceno médio, por volta de 4500 anos A.P.; além dos 185 esqueletos evidenciados.

Em função dessas e outras tantas características, discussões arqueográficas, metodológicas e conceituais surgiram (e surgem) relacionadas ao Justino. Obviamente o modelo aqui apresentado para o Justino poderá não vir a ser consenso entre os pesquisadores que efetuaram trabalhos em Xingó, uma vez que as diversas interpretações que têm sido dadas ao sítio Justino, principalmente porque grande parte desses estudos teve como foco as análises intra-sítio deste assentamento.

Por ser um sítio em terraço fluvial, área

paleoetnográficos de ocupação (Leroi-Gouhan, 1950, 1972).

Precisávamos entender o rio, a caatinga, os diferentes compartimentos componentes da paisagem e, sobretudo, elucidar o contexto sistêmico em um exercício reflexivo de como seria o modo de vida e dinâmica cultural em nossa área de pesquisa, buscando possibilidades e limitações para questões acerca da mobilidade, da realização das atividades cotidianas, das seqüências operacionais e, conseqüente, organização tecnológica, da função de sítios e do sistema regional de assentamento.

Foi nesse momento que passamos a nos interessar pela paisagem ('arqueológica') e que descobrimos o conceito de persistent places (Schlanger, 1992). Derivado/ extraído da

abordagem de lugar, assim como outros tantos ramificados do artigo de Lewis R. Binford (1982¹¹) em que o autor amplia noção de sítio arqueológico, sem desmerecê-lo, mas apontando para a necessidade de compreensão dos não-sítios e, principalmente, da importância em entender as inter-relações entre sítios contemporâneos de uma área.

Assim, discorrer sobre lugares persistentes é diferente de falar em multicomponencialidade, isto é, o uso do primeiro pressupõe que houve (ou há) no local sob intervenção, condições tais que permitiram sua ocupação e reocupação em longa duração, diferente de um único sítio (ou conjunto de sítios) com níveis líticos e lito-cerâmicos.

Vale destacar que um sítio (ou sítios) multicomponencial pode ser integrante de um lugar persistente, mas a abordagem implica na ampliação da noção de sítio arqueológico, compreendendo os espaços sociais, os não-sítios, as ocorrências arqueológicas, etc.

Tal perspectiva está muito próxima ao que Mauss definiu como domínio em sua noção de estabelecimento (1974), todavia sendo aqui compreendida em um sentido mais específico para o uso em Arqueologia, uma vez que sob a ótica dos lugares persistentes pressupõe-se a paisagem em sua totalidade.

Nesse caso, o Locus de ocupação ultrapassa o sítio arqueológico, estando constituído por elementos bem demarcados no sistema sócio-cultural por meio de fronteiras estabelecidas enquanto elemento de significação (mesmo que fluídas), e formados por todos os locais de uso continuado, tanto em uma perspectiva sincrônica, quanto diacrônica (Silva-Mendes, 2007).

A intenção do conceito, dessa forma, é mapear a utilização em longa duração dos

Loci, refletindo sobre as condições que permitiram certas escolhas/ estratégias e as inter-relações entre sociedade versus meio que, ao final de nossa pesquisa, nos apareceu de maneira distinta do que concebíamos.

Constantemente nos reportamos ao contexto enquanto uma unidade básica interpretativa. O artefato nos diz pouco (ou nada quando fora de seu 'contexto'), as estruturas devem estar devidamente mapeadas em suas dimensões horizontal e vertical; sítios isolados nos respondem sobre uma realidade fracionada. O contexto pressupõe totalidade, partindo do estratigráfico (diacrônico); da distribuição espacial dos vestígios (sincrônico); do domínio de Mauss (1974) que supõe a interlocução entre as partes constitutivas de um lugar; ou do complexo situacional de sítios à moda binfordiana; seguindo pela distribuição de diferentes sítios em diferentes compartimentos que constituem uma paisagem; além das distintas associações entre trabalho, organização tecnológica e estratégias/ escolhas.

Assim, acreditamos que o Justino, nosso modelo gravitacional, foi ocupado em longa duração em distintos momentos da paisagem regional, sendo-lhe atribuídas pelo grupo (ou grupos) funções diversas ao longo do tempo, até que, em um período que coincide com o aparecimento da tecnologia cerâmica no registro arqueológico, houve uma maior fixação dos grupos no terraço, fato que não implica na não-existência de outros sítios habitacionais em outros compartimentos da paisagem¹².

O modelo criado teve como base os sítios de terraço e é nesse espaço que é aplicado (e aplicável), fato que não nos impediu de especular sobre a mobilidade e dispersão espacial de sítios e ocorrências, tendo como

¹¹ Ver também os textos de 1992, 2001.

¹² Não é insensato destacar que com isso não estamos relacionando cerâmica e sedentarização (ou semi), mesmo porque há grupos detentores dessa tecnologia aliada à horticultura que são extremamente 'móveis'. Além disso, se pensarmos em uma morfologia social baseada na dinâmica do rio, nossas respostas ficam mais claras.

aporte os geoindicadores para aplicação do conceito de lugares persistentes.

Os demais sítios (evidenciados nas campanhas de salvamento) surgem a partir desse período, enquanto complementares às prováveis novas necessidades do grupo (grupos), mais complexo em sua organização social, obviamente, com base no estudo da ritualidade funerária de Vergne (2004).

Esse artigo encerra-se com um modelo de ocupação para Xingó, em suas particularidades atestadas no início dessas considerações, apresentando dados fundamentais para inserção dos grupos pré-históricos na paisagem constituída e remodelada ao longo de quase oito mil anos de ocupação, a saber:

- Na paisagem do pleistoceno para o holoceno inicial (cerca de 12 a 9000 anos A.P. – Fases 05 e 04) – bandos de caçadores coletores percorriam os diferentes compartimentos da paisagem, dentro dos aportes de mobilidade apresentados por Binford (1982), permitindo a formação de sítios arqueológicos dispersos. Tal fato se fundamenta no número baixo de sítios em terraços com ocupações de caçadores coletores (Justino e São José II). A indústria lítica, expedita, apresenta artefatos mais bem elaborados que nas fases ocupacionais seguintes, sobretudo manufaturados em matérias-primas silicosas. Em torno de 9000 e 8000 mil anos A.P., o terraço onde estava assentado o Justino passa a ser mais utilizado pelo grupo. O solo de ocupação registra uma maior densidade de remanescentes culturais, geralmente associados às estruturas de combustão. Nesse momento que acreditamos que o grupo passa a enterrar seus mortos no terraço. Entretanto, a imensa quantidade desses vestígios materiais estaria além de questões ritualísticas, uma vez que há estruturas com ferramentas líticas e restos alimentícios relativa-

mente distantes das áreas de sepultamento e todo o comportamento observável pelas plantas do sítio indicam uma setorização de atividades.

- No holoceno médio (cerca de 5000 a 4000 mil anos A.P. – Fase 03) – o terraço passa a ser pouco freqüentado pelo grupo (ou grupos), que, pelo menos hipoteticamente, pode ter algum tipo de relação com o regime de cheias do rio. Os remanescentes concentram-se em torno de possíveis estruturas de combustão, ou melhor, manchas indicativas das mesmas. Não há presença de materiais leves, tais como estilhas ou carvão. No final desse período surge a tecnologia cerâmica, sobretudo a partir da decapagem 21/20.

- No holoceno tardio (3000 a 1000 anos A.P. – Fases 02 e 01) – marcado pelo surgimento dos demais sítios na área arqueológica 03 que, segundo nosso modelo, estariam ligados ao sítio base enquanto locais de desenvolvimento de atividades especializadas, no chamado complexo situacional de sítios. No Justino há uma explosão de remanescentes culturais associados às estruturas ou em concentrações. A tecnologia lítica adquire um caráter ainda mais expedito, com predominância de lascas corticais ou semicorticais de quarto e raspadores sobre bloco e seixo, ambos com poucas ações transformativas pós-debitagem.

Quando comparamos os conjuntos artefatuais de sítios contemporâneos componentes de uma mesma área, percebemos que são complementares e, portanto, a análise isolada não responderia às diversas interrogações que surgem ao longo da pesquisa. Tal fato foi observado nas análises dos conjuntos líticos em Xingó (Fagundes, 2010a).

Como já comentado, os pesquisadores responsáveis pelas análises paleoambien-

tais em Xingó indicaram que mesmo mediante ao regime de cheias do rio São Francisco (que existiram), as denominadas “excepcionais” não eram tão freqüentes podendo ocorrer em intervalos de dezenas ou centenas de anos. Em suas palavras:

O principal risco geológico ao qual estas populações primitivas estavam sujeitas era sem dúvida as cheias do rio São Francisco. As cheias excepcionais (com tempo de recorrência de algumas dezenas ou até mesmo uma centena de anos) podiam alcançar cerca de 25 metros acima do nível normal do rio. Estas poderiam resultar em grande destruição, até mesmo com mortes, uma vez que se tratam de fenômenos relativamente rápidos e de grande capacidade destruidora (Landim Dominguez e Brichta, 1997:07) [grifo nosso].

Além disso, uma visão mais minuciosa sobre os espaços topográficos próximos ao terraço demonstra que há condições reais de formação de acampamento e/ou aldeias, distante cerca de 50 a 200m das margens do rio ¹³.

Durante as duas primeiras ocupações da Fase 03, atestamos que o sítio Justino passa a ser menos utilizado pelo grupo quando comparado as estruturas e remanescentes culturais com a Fase 02.

Uma das causas poderia ser estas cheias excepcionais entre 5500 e 4500 A.P., mas, novamente, não há dados concretos. No entanto, o emaranhado de dados elencados (Fagundes, 2007; 2010a, 2010b, 2010c) acabou por nos permitir inferir que os sítios da Área 03 em Xingó realmente seriam complementares em meio a um amplo sistema de assentamento regional: do sítio base, onde as atividades sociais cotidianas eram

levadas a cabo, aos sítios mais especializados.

Esses dados partiram principalmente da análise das cadeias operatórias dos conjuntos líticos. De modo geral podemos caracterizá-los (Fagundes, 2010b):

- Pelo uso de seixos com pré-disposição à retirada dos suportes desejados, representados por lascas quadrangulares e trapezoidais, unifaciais, sendo que em alguns foram realizadas ações transformativas pós-debitagem, representadas por golpes de adelgaçamento e retoques (curtos e em escama), executados na face interna para atingir a externa (retoques diretos). O tipo de técnica mais freqüente é a unipolar, com uso de percutor duro. Em suma, a escolha pelo suporte pressupõe uma economia nos gestos técnicos: seixos com certa morfologia para obtenção de lascas corticais ou semi para produção dos implementos líticos.
- Pela produção de raspadores sobre seixos, novamente suportes previamente escolhidos por sua morfologia, onde foram realizados golpes abruptos e perpendiculares ao eixo morfológico da peça para a obtenção de gume ativo, sendo este último muito pouco trabalhado e, quando há retoques, é evidente que foram realizados com a intenção de ativação do bordo.
- Uso preferencial do sílex, mas o quartzo é extremamente utilizado, sobretudo para a obtenção de lascas corticais para uso ocasional.
- Utilização de pequenos blocos de quartzo, geralmente quadrangulares, como raspadores, onde foram realizadas pouquíssimas transformações para adelgaçamento do bordo à ativação de um gume cortante.

Enfim, é uma indústria expedita, mas

¹³ Nesse caso, áreas inundadas pelo lago da UHE-Xingó.

¹⁴ Aliada a toda discussão em torno da dinâmica ambiental da área, não havia unidades crono-estratigráficas que orientassem de maneira inequívoca a escavação.

que traz consigo traços fundamentais para a compreensão da pré-história de Xingó.

Uma das grandes discussões sobre o sítio Justino diz respeito a sua estratigrafia. Acreditamos que é uma estratificação complexa e de difícil leitura¹⁴. Além havia a possibilidade real de movimentação vertical das peças e mistura dos solos de ocupação. Justamente por isso preferimos seguir as orientações paleoambientais de Landim Dominguez & Britcha (1997).

Assim, não se pode negar que ocorrem movimentos verticais ou que processos erosivos foram responsáveis por perdas de parcelas significativas dos solos de ocupação, todavia estamos falando de uma área de 1265 m² escavadas. Com a orientação des-

ses autores, guiamos nosso olhar para o sítio Justino. Com exceção das Fases 04 e 05, pudemos realizar exercícios com as plantas de plotação de vestígios e pudemos verificar que vestígios nessas camadas entre 40 e 70 cm se relacionavam em diferentes estruturas ou concentrações (apresentado nesse texto).

De qualquer forma, o sítio Justino é um importante assentamento no vale do São Francisco e novos estudos são necessários para se discutir lacunas existentes, principalmente em sua estratificação. Para tanto, como apresentado em nosso doutoramento (2007), dados paleoambientais seriam fundamentais para a compreensão do contexto arqueológico regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A. N. 1989. Paleoclimas quaternários e pré-história da América tropical. Dédalo (publicações avulsas), pp.9-25.
- AB'SABER, A. N. 2002. O homem dos terraços de Xingó. IN: Salvamento Arqueológico de Xingó – Relatório Final. São Cristóvão: MAX/UFS, pp.16-26.
- AB'SABER, A. N. 2003. Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo, Ateliê.
- BAMFORTH, D. et al 2005. Intrasite spatial analysis, ethnoarchaeology, and Paleoindian land-use on the Great Plains: the Allen site. *American Antiquity*, 70 (03), pp.561-580.
- BINFORD, L. 1982. The Archaeology of place. *Journal of Anthropological Archaeology*, 01, pp. 05-51.
- BINFORD, L. 1992. Seeing the present and interpreting the past – and keeping things straight. IN: ROSSIGNOL, J. & WANDSNIDER, L. Space, time and archaeological landscapes. New York, Plenum, pp. 43-59.
- BINFORD, L. 2001. Constructing frames of reference – an analytical method for archaeological theory building using hunter-gatherer and environmental data sets. Berkeley, University of California Press.
- CARVALHO, O. 2006. Contribution à l'archéologie brésilienne: étude paléanthropologique de deux nécropoles de la région de Xingó, état de Sergipe, Nord-est du Brésil. Genève, Université de Genève, Thèse n° 3802.
- CAVALCANTI, A. 2005. Jardins Suspensos do Sertão. *Scientific American – Brasil*, n.52.
- DIAS, A. 2003. Sistemas de assentamento e Estilo Tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- DOMINGUEZ J. M. & BRITCHA, A. 1997. Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó. São Cristóvão: UFS/CHESF/PETROBRAS, Relatório de Consultoria, Documento 04.
- FAGUNDES, M. 2007. Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. Tese de doutoramento, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- FAGUNDES, M. 2009. O conceito de paisagem em arqueologia – os lugares persistentes. *Holos Environment*, 09 (02), pp. 135-149, 2009.
- FAGUNDES, M. 2010a. Entendendo a Dinâmica Cultural em Xingó na Perspectiva Inter Sítios: Indústrias Líticas e os Lugares Persistentes no Baixo Vale do Rio São Francisco, Nordeste do Brasil. *Arqueologia Iberoamericana*, v. 6, pp. 3-23. <http://www.laiesken.net/arqueologia/>
- FAGUNDES, M. 2010b. Organização Tecnológica das Indústrias Líticas da Área 03 em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. *Revista Clío – Série Arqueológica*, v.25 (no prelo).
- FAGUNDES, M. 2010c. Os Conjuntos Artefatuais do Sítio Curituba I, Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. *Revista Tarairiú - Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB*, v.01, pp.34-63.
- FAGUNDES, M., MUCIDA, D. 2010. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas – do contexto arqueológico ao contexto sistêmico sob a ótica dos lugares persistentes. *Cinde - Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, Universidad de Manizales, 08 (01), pp.203-218.
- FERRING, C. R. 1984. Intrasite spatial patterning its role in settlement – subsistence systems analysis. IN: HIETALA, H. (eds.) *Intrasite spacial analysis in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 116-126.
- HITCHCOCK, R.K. 1987. Sedentism and site structure: organizational change in Kalahari residential locations. IN: KENT, S. *Method and theory for activity area research*. New York, Columbia University Press, pp. 374-423.
- HITCHCOCK, R. K. & BARTRAM, L. E. 1998. Social boundaries, technical system, and the use of space and technology in the Kalahari. IN: STARK, M. *The Archaeology of Social Boundaries*. Washington, Smithsonian Institution Press, pp. 12- 49.
- KELLY, R L. 1988. The three sides of a Biface. *American Antiquity*, 53, pp.717-734, 1988.
- KELLY, R L. 1992. Mobility/ Sedentism: concepts, archaeological measures, and effects. *Annual Review Anthropology*, 21, pp.45-66.
- LEROI-GOURHAN, A. 1950. *Le fouilles préhistoques : techniques et méthodes*. Paris, Picard.
- LEROI-GOURHAN, A. 1972. *Vocabulaire – fouilles de Pincevent: essai D'anacyse ethnographique d'un habitat magdalenien*. La section 36, CNRS, Paris.
- LUNA, S. 2001. As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil. Tese de doutoramento, Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- MAUSS, M. 1974. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó. IN: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Edusp, pp. 237-331.
- MELLO, A. C. 2005. Uma perspectiva tecnológica para o estudo da indústria lítica dos sítios cemitérios da região de Xingó. Dissertação de Mestrado, São Cristóvão-SE, Universidade Federal de Sergipe.
- MORAIS, J. L. 2006. Reflexões acerca da arqueologia preventiva. MORI, SOUZA, BASTOS & GALLO (org.). *Patrimônio: atualizando o debate*. Brasília: IPHAN, pp. 191-220.
- MUNDAY, F. C. 1984. Middle paleolithic intrasite variability and its relationship to regional patterning.

IN: HIETALA, H. (eds.) *Intrasite Spacial Analysis in Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 32-43.

PALMEIRA, A. 1997. Os Restos alimentares faunísticos na área de Xingó. PAX/UFS, Documento 11.

PANJA, S. 2005. Mobility strategies and site structure: a case study of Inamgon. *Journal of Anthropological Archaeology*, 22, pp.105-125.

SANTOS, J. O.; MUNITA, C. S. 2007. Estudos arqueométricos de sítios arqueológicos do Baixo São Francisco. Aracaju: MAX/UFS.

SCHIFFER, M. 1972 Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, 37 (2), pp. 156-165.

SCHIFFER, M. 1983 Toward the identification of formation processes. *American Antiquity*, 48, pp. 675-706.

SCHIFFER, M. 1987. Formation processes in the archaeological record. Albuquerque, University of New Mexico Press.

SCHLANGER, S. 1992. Recognizing persistent pla-

ces in Anasazi settlement systems. IN: ROSSIGNOL & WANDSNIDER. *Space, time, and archaeological landscapes*. New York and London, Plenum Press, pp. 91-112.

SILVA, C. C. 1994. Análise inicial dos restos biológicos do sítio Justino. Relatório de Atividades, PAX/UFS.

SILVA, R. 2005. Cadeia operatória: a perspectiva tecnológica para ao estudo do material lítico dos sítios não especializados da região de Xingó – SE. Dissertação de Mestrado, São Cristóvão – SE, Universidade Federal de Sergipe.

SILVA-MENDES, G. 2007. Caçadores coletores na serra de Paranapiacaba durante a transição do Holoceno médio para o tardio (5920 a 1000 anos A.P.). Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo.

VERGNE, M. C. 2004. Arqueologia do Baixo São Francisco estruturas funerárias do sítio Justino, região de Xingó, Canindé de São Francisco – Sergipe. Tese de doutoramento, São Paulo, Universidade de São Paulo.